



ALEXANDRE DUMAS
OS FANTASMAS DE BÉJAR

Free Books

ALEXANDRE DUMAS

**OS FANTASMAS DE
BÉJAR**

FREE BOOKS EDITORA VIRTUAL – CLÁSSICOS
ESTRANGEIROS

TERROR – HORROR – FANTASIA

Título: OS FANTASMAS DE BÉJAR.

Autor: Alexandre Dumas (1802 – 1870).

Imagem da capa: Wener Brigitte/Pixabay.

Leiaute da capa: Canva.

Série: Clássicos Estrangeiros – vol. 67.

Editor: Free Books Editora Virtual. **Site:**
www.freebookseditora.com

Ano: 2019.

Fonte: Novela publicada originariamente no periódico carioca *O Brasil* (RJ) entre 11 e 17 de outubro de 1849. Tradução de autor desconhecido do séc. XIX com a participação de Paulo Soriano. Fonte do texto (em fac-símile): Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Pesquisa, transcrição, atualização ortográfica e adaptação textual: Paulo Soriano.

Sites recomendados:

<http://www.triumviratus.net/> <http://www.contosdeterror.site/>,
<http://www.contosdeterror.website/>

Sumário

I – A FONTE SANTA	5
I I – O ROSÁRIO DE ANNA DE NIEBLA.....	18
I – O MORTO VIVO.....	31
SOBRE A OBRA E SEU AUTOR.....	Erro! Indicador não definido.

I – A FONTE SANTA

Eram 25 de janeiro de 1492. Depois de acirrada luta de oitocentos anos contra os espanhóis, os mouros acabavam de declarar-se vencidos na pessoa de Al-Shághip-Abou-Abdalah¹, que no dia 6 desse mês, isto é, em dia de Reis², tinha feito a entrega da cidade de Granada às mãos dos seus vencedores, Fernando e Isabel.

Os mouros tinham conquistado a Espanha em dois anos; para repeli-los, tinham sido necessários oito séculos.

A notícia dessa vitória havia-se espalhado. Em todas as igrejas da Espanha os sinos repicavam como no santo dia de Páscoa, e todas as vozes clamavam:

—Viva Fernando! Viva Isabel! Vivam Leão e Castela!

Mas isto não era tudo. Dizia-se que nesse ano

¹ Abû 'Abd Allâh Mohammed ben Abî al-Hasan 'Alî, dito Boadil (c. de 1460 - c. 1533), foi o último rei de Granada.

² Na verdade, as chaves da cidade de Granada foram entregues no dia 2 de janeiro de 1492, uma segunda-feira.

de bênção, em que Deus voltara os seus olhos para a Espanha como um grande pai, um viajante apresentara-se aos dois reis e lhes prometera outorgar-lhes um mundo desconhecido³, que estava certo de descobrir seguindo sempre de Oriente a Ocidente.

Mas tal feito era considerado geralmente uma fábula e o aventureiro que a ele se havia comprometido, e que se chamava Cristóvão Colombo, era considerado um louco.

Além disto, estas notícias, nessa época de difíceis comunicações, ainda não se haviam difundido de forma positiva por toda superfície da península. À medida em que, topograficamente, as províncias se achavam distantes daquelas em que os mouros haviam concentrado o seu poder – e fazia somente 19 dias que Fernando e Isabel haviam triunfado sobre Granada –, da mesma forma que quando nos afastamos de um centro luminoso os objetos retornam gradualmente à escuridão, pouco a pouco as populações, que duvidavam daquela grande ventura de imenso júbilo à toda cristandade,

³ Na realidade, a promessa de Colombo seria a de chegar às Índias por uma nova rota. O navegante Genovês não sabia da existência de um novo continente.

perguntavam, apinhando-se em torno de cada viajante que chegava do teatro de guerra, acerca daquele grande feito.

Uma das províncias – não das mais distantes, mas sim das mais separadas de Granada, porque duas grandes cadeias de montanha se estendem entre ela e essa cidade –, Estremadura, a Estremadura situada entre Castela Nova e Portugal, e que toma o seu nome de sua extremada posição em relação às fontes do rio Douro, a Estremadura, enfim, tinha tanto maior interesse em estar informada porque, liberta dos mouros já em 1240 por Fernando III de Castela, pertencia desde então a esse reino de que Isabel, que acabava de merecer o epíteto de “a Católica”, era herdeira.

Por isso, um povo imenso estava reunido no dia em que começa essa história — 25 de janeiro de 1492 —, no pátio do castelo de Béjar, em que acabava de adentrar D. Bernardo de Zúñiga, terceiro filho de D. Pedro de Zúñiga, conde de Bañares, marquês de Ayamonte, dono desse castelo. Ora, ninguém podia dar notícias mais frescas dos mouros e dos cristãos do que D. Bernardo de Zúñiga que, cavaleiro do exército de Isabel, tinha sido feito prisioneiro numa dessas investidas tentadas pelo heroísmo dos

árabes, e levado ferido para a cidade sitiada, cujas portas só lhe haviam sido abertas no dia em que nela tinham entrado os cristãos.

D. Bernardo, na época em que nos aparece — no momento em que, depois de uma ausência de dez anos —, voltava ao castelo paterno montado em seu ginete de combate. E, cercado de fâmulos, criados e vassalos, era um homem de trinta e cinco para trinta e seis anos, emagrecido pelas fadigas e especialmente pelas feridas, e que pálido teria sido se seu rosto, queimado pelo sol do meio-dia, se não tivesse coberto com tom bronzeado que parecia fazer dele o irmão e patrício dos homens contra quem acabava de combater. E tão exata era essa semelhança que, envolto no amplo manto branco da ordem de Alcântara⁴, com uma aba enrolada em torno da cara para protegê-la contra o frio da serra, nada distinguia esse manto do albornoz árabe, salvo a cruz verde que traziam sobre o peito os cavaleiros

⁴ Ordem religiosa e militar criada no ano 1154 no Reino de Galiza e Leão. Semelhantemente aos antigos templários, os cavaleiros da ordem de Alcântara prestavam votos de castidade.

da ordem santa.

Esse cortejo, que entrava com ele no pátio do castelo, o acompanhava desde que aparecera nas portas da cidade. Ainda antes de ter sido reconhecido, tinha-se percebido que esse homem de olhar concentrado, de heroico porte e de manto semirreligioso, semiguerreiro, vinha do teatro da guerra. Tinham-lhe dirigido múltiplas perguntas. Então ele havia dito quem era e, convidando os curiosos a acompanhá-lo até seu castelo, e lá chegando, acabava de apelar-se no meio dos sinais de afeição e de respeito de todos.

Depois de ter dado as rédeas de seu cavalo a um escudeiro, e lhe ter recomendado a esse valente companheiro de suas fadigas — que, como seu amo, tinha mais de um visível sinal da luta que acabava de travar —, D. Bernardo de Zúñiga subiu a escada que levava à entrada principal do castelo. Depois, chegando ao último degrau, voltara-se contando, para satisfazer à curiosidade de todos, como Fernando o Católico, depois de ter conquistado trinta praças de armas e outras tantas cidades, havia por fim posto assédio a Granada; como, depois de um longo e terrível cerco, Granada havia-se rendido em 25 de novembro de 1491 e como, enfim, o rei e a

rainha tinham feito solene entrada em 6 de janeiro, dia de Epifania, deixando por únicos domínios ao sucessor dos reis de Granada e dos califas de Córdoba uma pequena dotação nas Alpujarras.

Dadas essas notícias, que o auditório acolheu com o mais exaltado júbilo, entrou D. Bernardo no Castelo acompanhado apenas pelos seus criados mais íntimos.

Não foi sem grande comoção que D. Bernardo tornou a ver, depois de dez anos, o interior desse castelo em que passara a sua infância, e que se achava então vazio. Seu pai estava em Burgos e, dos seus dois irmãos mais velhos, um estava morto e o outro militava no exército de D. Fernando.

D. Bernardo percorria, triste e silencioso, todos os aposentos. Parecia que no fundo do seu pensamento havia uma pergunta que não se atrevia a fazer e que disfarçava multiplicando outras perguntas. Enfim, parando diante do retrato de uma menina de nove ou dez anos, perguntou com certa hesitação de quem era esse retrato. Aquele a quem era dirigida essa pergunta fitou os olhos em D. Bernardo antes de responder. Parecia não o entender.

— Esse retrato? — perguntou.

— Sim, esse retrato — repetiu D. Bernardo com tom mais imperativo.

— Mas senhor — repetiu o criado —, é o da prima de vossa excelência, D. Anna de Niebla. É impossível que vossa excelência tenha se esquecido dessa pequena órfã, que fora criada no castelo, e estava destinada a ser esposa do seu irmão mais velho.

— Ah, sim! — disse D. Bernardo. — E o que é feito dela?

— Quando o vosso irmão mais velho morreu, em 1488, o senhor vosso pai mandou que D. Anna de Niebla entrasse no convento da Imaculada Conceição, da ordem de Calatrava e que lá fizesse votos religiosos. E assim decidiu porque o vosso segundo irmão já estava casado e vós pertenceis a uma ordem religiosa que prescreve o celibato.

D. Bernardo deu um suspiro.

— É verdade, disse.

E não fez mais pergunta alguma.

Como Anna de Niebla era muito amada no castelo de Béjar, o criado, aproveitando-se de ter caído a conversa sobre a jovem rica e herdeira, procurou continuá-la.

Contudo, mal articulou uma palavra, D. Bernardo impôs-lhe silêncio de um modo tão peremptório, que bem mostrou que já estava inteirado de quanto queria saber.

Além disto, não havia que se enganar acerca das causas que tinham trazido D. Bernardo ao castelo de seus pais, pois teve ele cuidado de logo no primeiro dia declará-las a todos. O castelo de Béjar ficava a duas ou três léguas de uma fonte a quem davam o título de santa, à qual a vizinhança do convento da Imaculada Conceição atribuía a indúvidosa prerrogativa de fazer milagres.

Essa fonte era especialmente virtuosa na cura de feridas e, como dissemos, D. Bernardo ainda estava magro, pálido e enfermo dos golpes que recebera no cerco de Granada.

Assim, no dia seguinte, D. Bernardo resolveu começar o tratamento a que, com sua profunda devoção, esperava dever pronta cura. O procedimento era fácilimo de seguir: D. Bernardo fazia o que fazia qualquer camponês que viesse implorar a assistência a Virgem Santíssima, sob cuja invocação se achava a fonte. Acima da fonte levantava-se um penhasco e sobre esse penhasco havia uma cruz. Devia-se subir descalço ao rochedo,

ajoelhar-se diante da cruz, rezar devotamente cinco *Padres-nossos* e outras tantas *Ave-marias*, descer então ainda descalço, beber um copo de água, e retirar-se para casa.

As romarias dividiam-se em novenas: ao cabo da terceira novena, isto é, depois do vigésimo sétimo dia, era raro que o devoto não estivesse curado.

Ao romper do dia seguinte, D. Bernardo de Zúñiga mandou preparar seu cavalo. Como cem vezes na sua mocidade tinha ido à fonte, partiu sozinho para sua romaria milagrosa.

Chegando à fonte, apeou-se, amarrou o cavalo a uma árvore, descalçou-se, subiu o penhasco, rezou seus cinco *Padres-nossos* e as suas cinco *Ave-marias*, desceu, bebeu um copo de água ao pé da fonte, calçou-se de novo, de novo montou a cavalo, voltou um olhar, por certo cheio de devoção, para o convento da Imaculada Conceição — que, distante meia légua daquele lugar, despontava por entre as árvores —, e retornou ao castelo.

Cada dia repetiu D. Bernardo a sua romaria, e facilmente se via que a água maravilhosa bem operava sobre o seu corpo, embora ele conservasse o seu temperamento triste, solitário e quase selvagem.

Assim se passaram as três novenas.

Durante os últimos dias da terceira, sua saúde estava de todo restabelecida, e ele já havia anunciado o seu regresso ao exército, quando, no vigésimo sétimo dia, estando ajoelhado ao pé da cruz, rezando a sua penúltima *Ave-maria*, viu aproximar-se um cortejo que não era destituído de interesse para quem tantas vezes, ao retirar-se da fonte, havia voltado os olhos para o Convento da Imaculada Conceição.

Era um séquito composto de freiras, acompanhando uma liteira descoberta, carregada por camponeses. Nessa liteira vinha uma freira, que parecia ser trazida em triunfo à fonte: escrupulosamente cobertas com seus véus estavam a freira da liteira e as que a acompanhavam.

Em vez de descer, como tinha por costume, para beber água da fonte, D. Bernardo esperou, sem dúvida curioso de ver o que ia acontecer. E tamanha era essa curiosidade que o fez esquecer-se de rezar a sua última *Ave-maria*.

O cortejo parou diante da fonte. A freira que vinha na liteira desceu, tirou os sapatos e, com o andar a princípio vacilante, mas que pouco a pouco se tornou mais seguro, começou a subir. Chegado ao

pé da cruz que D. Bernardo, recuando, havia deixado desimpedida, a freira ajoelhou-se, fez sua oração, levantou-se e, descendo, foi ter com a suas companheiras.

Foi uma ilusão. Pareceu a D. Bernardo, porém, que, no momento de ajoelhar-se e erguesse, a freira, através do véu, olhara para ele por uns instantes.

De sua parte, à aproximação da santa donzela, tinha D. Bernardo sentido uma estranha comoção. Um certo deslumbramento passou-lhe pelos olhos, ele havia-se encostado a uma árvore, como se, mal seguro na sua base, o rochedo tivesse tremido sob os seus pés.

À medida, porém, que dele havia-se desviado a freira, tinha-lhe voltado a força. Então, para acompanhá-la por mais tempo com os olhos, ele inclinara-se sobre a borda do rochedo sobranceiro à fonte. A freira havia descido, e chegado à fonte e, tornando-se visível somente para a água santa, tinha levantado o seu véu, e bebido, como era costume.

Então sucedeu uma coisa em que ninguém teria acreditado, e que por isso ninguém tinha podido prever. O límpido cristal da fonte transformou-se em espelho e, do lugar em que se

achava, D. Bernardo de Zúñiga viu a imagem da freira tão distintamente quanto se estivesse refletida por um espelho.

Apesar da palidez, era tal milagre de beleza que D. Bernardo de Zúñiga deu um tão alto grito de surpresa e admiração que causou um estremecimento à santa enferma. Esta, mal tendo molhado os lábios na água, abaixou o véu e entrou na liteira. Antes, porém, voltou a cabeça para onde estava o imprudente cavaleiro.

D. Bernardo de Zúñiga desceu rapidamente os degraus do rochedo e, dirigindo-se a um dos espectadores dessa cena, indagou:

— Sabes quem é essa mulher que acaba de beber à fonte e a quem levam para o convento da Imaculada Conceição?

— Sei — respondeu o interrogado. — É uma freira que acaba de estar doente, e que todos presumiam que não escaparia. De fato, esteve morta cerca de uma hora. Mas, pela virtude milagrosa da água santa foi curada, e por isso saiu hoje pela primeira vez para executar o seu voto de vir pessoalmente beber da água que ainda ontem era necessário levar à sua cama.

— E — perguntou D. de Zúñiga com uma comoção que indicava a importância que dava a sua pergunta — sabes como se chama essa freira?

— Sei. Chama-se Anna de Niebla, e é sobrinha de Pedro de Zúñiga, conde de Bañares, marquês de Ayamonte, cujo filho, de volta do exército há cerca de um mês, trouxe a boa notícia da tomada de Granada.

— Anna de Niebla! — disse consigo D. Bernardo. Ah! Bem a tinha reconhecido. Nunca, porém, teria adivinhado que ficaria tão bonita!...

II – O ROSÁRIO DE ANNA DE NIEBLA

D. Bernardo tinha, pois, tornado a ver essa moça, a quem deixara criança no castelo Béjar, e cuja memória muito provavelmente o acompanhara nos seus dez anos de ausência.

Durante esses dez anos de solitário cismar, em que o pensamento de D. Bernardo tinha acompanhado a viagem de Anna de Niebla na primeira entrada da vida, a moça se havia feito mulher. Tinha chegado à idade de vinte anos, enquanto chegava D. Bernardo aos trinta e cinco. Tinha tomado o hábito de freira enquanto ele havia-se envolvido no manto de cavaleiro de Alcântara.

Ela era noiva do Senhor e ele cavaleiro de Cristo. Aos dois moços educados na mesma casa, depois de lá saídos, estava vedada toda comunicação por palavras, toda troca de olhares.

Eis aí, sem dúvida, por que a vista de sua prima, no singular espelho em que tinha ele reconhecido as suas feições, havia despertado tão viva comoção no coração de D. Bernardo de Zúñiga.

Recolheu-se para o castelo ainda mais pensativo, mais taciturno do que costumava ser, e quase imediatamente foi encerrar-se na câmara em

que tinha visto o retrato de Anna de Niebla em menina. Sem dúvida, procurava descobrir no quadro as feições que tinha acabado de ver tremere no cristal da fonte, e acompanhar o seu juvenil desenvolvimento nos dez anos que acabavam de passar-se, a vê-las desabrochar ao bafejo da vida como o sol desabrocha a mimosa flor.

Ele que, de há quinze anos, nos campos de batalha, nas surpresas dos arraiais, nos assaltos das cidades, lutava com os inimigos mortais da sua pátria e da sua religião, nem procurou resistir por um momento ao inimigo mais terrível que o atacava corpo a corpo, e que no primeiro assalto o deixara prostrado.

D. Bernardo de Zúñiga, o cavaleiro de Alcântara, amava a Anna de Niebla, a freira da Imaculada Conceição.

Cumpria acabar, fugir sem perda de um momento, voltar a esses combates reais, a essas feridas físicas que matam só o corpo. Para tanto não teve coragem D. Bernardo.

Logo no dia seguinte, e bem que só faltasse uma *Ave-maria* para concluir a sua novena, voltou ele à fonte, já não para rezar. O amor apoderara-se do seu coração, e nele não deixava lugar para as

orações. Somente, sentado no píncaro do penhasco, fitos os olhos no convento, aguardava outro cortejo semelhante à da véspera. Mas esperou em vão.

Assim, três dias, sem descansar, sem dormir, esperou percorrendo os arredores do convento, cujas portas lhe estavam impiedosamente fechadas. No quarto dia, que era um domingo, sabia que se achavam abertas as portas da igreja, e que todos podiam entrar.

Encerradas no coro, as freiras cantavam, ocultas por grandes cortinas. Elas eram ouvidas, mas não eram vistas.

E esse dia tão desejado chegou enfim. Por desgraça, D. Bernardo só o esperava com profana tensão. E a ideia de que era esse o dia em que podia aproximar-se do Senhor nem lhe acudiu ao espírito: só pensava em aproximar-se de Anna de Niebla.

À hora em que se abriram as portas do convento, já lá estava esperando.

Às duas da manhã, tinha ido ele próprio à estribaria, selado o seu cavalo, e saído sem avisar a pessoa alguma. Das duas horas até as oito, tinha vagado nos arredores da fonte, não mais envolto o rosto no seu manto para defender-se do vento frio da serra, mas descoberto, implorando a todos os

ventos da noite para apagar as chamas ardentes que lhe pareciam devorar o cérebro.

Achando-se, enfim, na igreja, D. Bernardo foi ajoelhar-se mais perto o que pôde do coro e lá ficou esperando, com os joelhos na laje, e o rosto encostado no mármore.

O serviço divino começou. D. Bernardo nenhum pensamento teve para o Salvador dos homens, a cujo santo sacrifício assistia: sua alma toda estava aberta como um vaso para absorver esses cânticos que lhe haviam sido prometidos, e no meio dos quais devia subir ao céu a voz de Anna de Niebla.

Cada vez que, no meio desse suave concerto, uma voz mais harmoniosa, mais pura, mais vibrante do que as outras se fazia ouvir, imediatamente D. Bernardo estremecia, e levantava maquinalmente ambas as mãos para o céu. Parecia que procurava ele suspender-se a esse som, e com ele subir ao céu.

Depois, quando o som se extinguia, coberto pelas outras vozes, ou exausto no seu próprio êxtase, caía ele com um suspiro, como se só tivesse vivido por essa vibração, e que sem ela não lhe fosse dado viver.

Acabou-se a missa no meio de comoções até

então desconhecidas. Os cânticos cessaram, extinguiram-se os últimos sons do órgão, os assistentes saíram da igreja, os oficiantes recolheram-se ao convento. O monumento não era mais que um cadáver mudo e imóvel. A oração, que era sua alma, tinha-se recolhido ao céu.

D. Bernardo ficou só. Pôde, então, olhar ao redor de si. Por cima de sua cabeça estava pendurado um quadro representando a Saudação Angélica. E num dos seus cantos via-se a doadora, de joelhos, com as mãos postas em oração.

O cavaleiro de Alcântara deu um grito de surpresa. A doadora, essa mulher de joelhos a rezar, conforme o costume daquele tempo, era Anna de Niebla.

D. Bernardo chamou pelo sacristão, que estava apagando as velas, e interrogou-o.

Aquele quadro era obra de Anna de Niebla, que pintara a si mesma rezando, em obediência ao costume do tempo, que quase sempre para o donatário reclamava um humilde lugar na sagrada tela.

Tinha soado a hora da retirada. Ao convite que lhe fez o sacristão, D. Bernardo inclinou-se e saiu.

Ocorrera-lhe uma ideia: a de ter para si, a todo custo, aquele quadro.

Todas as propostas que fizera ou mandara fazer ao capítulo do convento foram rejeitadas. Responderam-lhe que o que havia sido dado não podia ser vendido.

D. Bernardo jurou que havia de possuir aquele quadro. Ajuntou todo dinheiro que pôde, cerca de vinte mil reais, muito mais do que valia a pintura, e resolveu, no primeiro domingo, entrar com todos na igreja, como já havia feito, e conservar-se oculto em algum canto. De noite, tiraria o quadro da parede e enrolaria, deixando os vinte mil reais sobre o altar a que ele pertencia.

Quanto a evadir-se da igreja, tinha reparado que as janelas ficavam dezoito palmos, quando muito, acima do chão, e davam para o cemitério: amontoaria, pois, cadeiras uma por cima das outras, e facilmente sairia da igreja por uma janela.

Depois, iria recolher-se ao castelo com seu tesouro, que seria magnificamente emoldurado, e o poria defronte do retrato de Anna Niebla. Então, passaria a sua vida nessa câmara em que a sua própria vida estava encerrada.

Corriam os dias e as noites na expectativa do

domingo, que enfim chegou. D. Bernardo de Zúñiga foi um dos primeiros a entrar na igreja, como no domingo precedente. Trazia os seus vinte mil reais em ouro.

Mas, o que excitou a sua atenção, logo que entrou, foi o fúnebre aspecto que revestia a igreja. Por entre as grades do coro, viam-se brilhar as extremidades dos círios iluminando o fastígio de uma essa.

D. Bernardo quis saber o que era.

Nessa mesma manhã, uma freira havia falecido, e o serviço a que se ia assistir era uma missa fúnebre.

Mas, como dissemos, D. Bernardo não vinha à igreja por amor à missa: vinha para realizar o que planejava.

O quadro angélico estava no seu lugar, por cima do altar, na capela da Virgem.

A janela mais baixa teria seus 16 ou 18 palmos, e graças aos bancos e cadeiras sobrepostos, nada era mais fácil do que sair. Esses pensamentos preocuparam D. Bernardo enquanto durou o serviço divino. Bem sentia que ia cometer uma má ação. Em favor, porém, de sua vida inteira passada a combater os infiéis, em favor da enorme quantia que

deixava em lugar do quadro, esperava que o Senhor lhe perdoasse.

Depois, de vez em quando, ouvia esses fúnebres cantos, e por entre todas essas vozes frescas, puras e sonoras, procurava inutilmente a vibração daquela voz cuja celeste inflexão havia, oito dias antes, despertado todas as fibras de sua alma, e a havia feito ressoar como uma harpa celeste sob os dedos de um serafim.

A corda harmoniosa estava ausente, e parecia que faltava uma tecla ao sacro teclado.

Concluiu-se a missa. Cada um saiu por seu turno. Ao passar por diante de um confessionário, D. Bernardo de Zúñiga o abriu, nele entrou, e fechou-se por dentro.

Ninguém o viu.

As portas da igreja rangeram sobre os seus gonzos. D. Bernardo ouviu o rumor das fechaduras. Os passos do sacristão roçaram no confessionário em que estava escondido e afastaram-se. Tudo ficou em silêncio.

Somente, de vez em quando, no coro sempre fechado, ouvia-se o roçar de um passo na laje e, depois, depois o sussurro de uma oração feita em voz baixa.

Era alguma freira que vinha rezar as ladainhas da Virgem sobre o corpo de sua finada companheira.

Chegou a noite. Na igreja, espalhou-se a escuridão. Só o coro ficou iluminado.

Depois apareceu a lua e um dos seus raios, penetrando pela janela, esparziu um pálido clarão pela igreja. Pouco a pouco, desapareceram dentro e fora todos os rumores da vida. Por volta das onze horas cessaram, ao redor da defunta, as últimas orações, e tudo deu lugar a esse religioso silêncio particular às igrejas, aos claustros e aos cemitérios.

O grito monótono e regular de uma coruja, pousada muito provavelmente em alguma árvore próxima da igreja, continuou solitariamente em sua triste periodicidade.

D. Bernardo pensou que era chegado o momento em que deveria executar seu projeto. Empurrou a porta do confessionário em que estava oculto e pôs o pé fora do seu retiro.

No momento em que pisava na laje da igreja, começou a dar meia noite.

Esperou, imóvel, que as doze badaladas tivessem lentamente vibrado, e pouco a pouco se fossem perdendo em insensíveis estremeamentos,

para sair de todo do confessionário, e dirigir-se para o coro: queria assegurar-se de que já ninguém estava de vigia junto à defunta e que ninguém o surpreenderia na execução do seu plano.

Mas, ao primeiro passo que deu para o coro, a grade abriu-se, vagarosamente impelida, e apareceu uma freira.

D. Bernardo deu um grito: essa freira era Anna de Niebla.

O véu levantado permitia a visão de seu rosto. Uma grinalda de rosas brancas segurava-lhe o véu na fronte. Tinha na mão um rosário de marfim que, comparado com a alvura dessa mão, parecia amarelo.

— Anna! — exclamou o moço.

— D. Bernardo! — balbuciou a freira.

D. Bernardo correu para ela.

— Disseste meu nome! — exclamou. —
Reconheceste-me, pois!

— Sim, respondeu a freira.

— Na fonte santa?

— Na fonte santa.

E D. Bernardo envolveu a freira nos braços. Anna nada fez para livrar-se do amoroso aperto.

— Mas — perguntou D. Bernardo —, perdoame, pois enlouqueço de prazer, enlouqueço de ventura, o que vieste aqui fazer?

— Sabia que estavas aqui.

— E vinhas ter comigo?

— Sim.

— Então sabes que te amo?

— Sei.

— E tu, me amas?

Os lábios da freira ficaram mudos.

— Oh! Niebla! Niebla! Uma palavra, uma só. Pela nossa mocidade, pelo meu amor, pelo nome de Jesus Cristo: amas-me?

— Professei, e os meus votos... — murmurou a freira...

— E o que valem os votos! — exclamou D. Bernardo. — Pois eu também não os fiz, não os rompi?

— Estou morta para o mundo — disse a pálida noiva.

— Ainda que morta estivesses para a vida, Niebla, eu te faria ressuscitar.

— Tu me farias ressuscitar! — disse Anna, balançando a cabeça. — Pois eu, Bernardo, te farei morrer.

— Antes dormir juntos na mesma sepultura do que viver separados.

— Então estás resolvido, Bernardo?

— A raptar-te, a levar-te comigo ao fim do mundo, se necessário for, além dos oceanos.

— E quando?

— Agora.

— As portas estão fechadas.

— Tens razão. Mas estarás livre amanhã?

— Sempre estou livre.

— Pois espera-me amanhã aqui, a esta hora? Terei contigo uma chave da igreja.

— Esperarei por ti. Mas hás mesmo de vir?

— Juro pela vida. Mas tu, qual é o teu juramento? Qual o teu penhor?

— Toma — disse ela —, aqui tens o meu rosário.

E atou-lhe em redor do pescoço o rosário de marfim. Ao mesmo tempo, D. Bernardo abraçou a freira, e a apertou de encontro ao peito. Seus lábios encontraram-se e trocaram um beijo.

Em vez, porém, de estar abrasado, como o primeiro beijo de amor, foi glacial o contato dos lábios da freira, e o frio, que coou nas veias de D. Bernardo, traspassou-lhe o coração.

— Bem — disse Anna —, e agora já nenhuma força humana poderá nos separar. Até outra vez, Zúñiga.

— Até outra vez, querida Niebla. Até amanhã.

— Até amanhã.

A freira libertou-se dos braços do seu amante e afastou-se lentamente, voltando de vez em quando a cabeça, e recolheu-se para o coro, cuja grade se fechou atrás dela.

D. Bernardo de Zúñiga deixou-a recolher-se, estendendo para ela os braços, conservando-se, porém, imóvel no mesmo lugar. Só quando a viu desaparecer, tratou de retirar-se.

Juntou quatro bancos ao lado uns dos outros, pôs outros quatro bancos por cima, sobre eles deitou uma cadeira, e galgou a janela por onde saiu. A erva era alta e densa como costuma crescer nos cemitérios. Pôde, pois, dar o salto sem machucar-se.

Não precisava levar o quadro de Anna de Niebla, pois no dia seguinte teria própria Anna de Niebla para si.

III – O MORTO VIVO

O dia despontava no horizonte quando D. Bernardo de Zúñiga foi tomar seu cavalo na estalagem em que o havia deixado.

Inconcebível incômodo tinha-se apoderado dele. Se bem que envolto em seu largo manto, sentia que o frio ia gradualmente coando pelas veias.

Perguntou ao criado da estribaria quem era o serralheiro do convento. O criado o indicou. Morava na extremidade da aldeia.

D. Bernardo, para se aquecer, pôs seu cavalo a trote e, ao cabo de alguns instantes, ouviu as marteladas batendo na bigorna, e pelas frestas da janela e da porta viu saltarem até o meio da rua faíscas de ferro em brasa. Chegando à porta do serralheiro, apeou-se do cavalo. Porém, cada vez mais invadido pelo frio, assustou-se da automática rigidez dos seus movimentos. Também de sua parte, tinha o serralheiro ficado de martelo levantado, olhando para esse nobre fidalgo, envolto no seu manto de cavaleiro da ordem de Alcântara, que se apeava à sua porta, e entrava na sua tenda como um freguês ordinário.

Vendo que era a ele próprio que o cavaleiro

procurava, o serralheiro largou o seu martelo, tirou o barrete e perguntou com polidez:

— O que há para seu serviço, meu senhor?

— És o serralheiro do convento da Imaculada Conceição? — perguntou o cavaleiro.

— Sou, sim, senhor.

— Tens as chaves do convento?

— Não, senhor. Tenho apenas o molde. Caso se perca a chave, terei como substituí-la.

— Pois bem, quero a chave da igreja.

— Desculpe-me, senhor, mas é do meu dever perguntar-lhe o que dela pretende fazer.

— Quero com ela marcar meus cães para preservá-los da raiva.

— É uma prerrogativa do senhor. Será vossa excelência senhor das terras em que está construída a igreja?

— Sou D. Bernardo de Zúñiga, filho de D. Pedro de Zúñiga, conde de Bañares, marquês de Ayamonte. Comando cem homens de armas, e sou cavaleiro de Alcântara, como podes ver pelo meu manto.

— Não pode ser! — disse o serralheiro, com expressão de visível terror.

— E por que não pode ser?

— Porque vossa excelência está mesmo vivo e vivíssimo, se bem que mostre estar com muito frio, e D. Bernardo de Zúñiga morreu esta noite, a uma hora da madrugada.

— E quem te deu essa engraçada notícia? — perguntou o cavaleiro.

— Um escudeiro, trajando a libré e as armas de Béjar. Há meia hora ele passou para dar ordens a um serviço fúnebre no convento da Imaculada Conceição.

D. Bernardo desatou a rir.

— Toma — disse. — Aqui tens dez moedas de ouro pela tua chave. Virei buscá-la e eu te darei outro tanto.

O serralheiro inclinou-se em sinal de assentimento. Vinte moedas de ouro era mais do que ganhava por ano, e bem merecia que se expusesse a uma repreensão.

Além do quê, por que motivo seria repreendido? Era costume marcar os cães de caça com as chaves das igrejas para os preservar da raiva. Um fidalgo que tão generosamente o pagava não podia, fosse quem fosse, ser um ladrão.

D. Bernardo tornou a montar a cavalo. Tinha procurado aquecer-se na forja, mas não o havia

conseguido. E esperava consegui-lo do sol, que já começava a mostrar-se brilhante, como o é na Espanha no mês de março.

Dirigiu-se para o campo e pôs-se a galope. O frio cada vez mais o invadia, e glaciais estremecimentos corriam-lhe por todo o corpo.

Nem nisso ficava: parecia estar preso ao convento, pois de contínuo descrevia um círculo cujo centro era a torre da igreja.

Por volta das onze horas, ao atravessar um bosque, viu um carpinteiro trabalhando em tábuas de carvalho. Era trabalho a que mais de uma vez assistira. Mas, no entanto, sentiu-se impelido a falar com esse artífice.

O que estás fazendo? — perguntou-lhe.

— Bem vê vossa excelência — respondeu este.

— Não, e tanto que te pergunto.

— Pois estou fazendo um caixão de defunto.

— De carvalho! Então é para algum fidalgo?

— É para o cavaleiro D. Bernardo de Zúñiga, filho de D. Pedro de Zúñiga, conde de Bañares, marquês de Ayamonte.

— Então o cavaleiro morreu?

— Esta noite, por volta de uma hora da madrugada.

— És um louco — disse consigo o cavaleiro, levantando os ombros.

E prosseguiu o seu caminho.

Ao aproximar-se da aldeia em que havia encomendado a chave, encontrou, por volta de uma hora, um frade montado em uma mula, acompanhado por um sacristão, que vinha a pé.

O sacristão levava um crucifixo e uma caldeirinha de água benta.

D. Bernardo, que já tinha feito recuar seu cavalo para deixar passar o frade, mudou subitamente de opinião e fez sinal de que lhe desejava falar.

O frade parou.

— De onde vem vossa reverendíssima, padre mestre?

— Do castelo de Béjar, ilustre cavaleiro.

— Do castelo de Béjar! — repetiu atônito D. Bernardo.

— Sim.

— E o que foi fazer no castelo?

— Fui confessar e sacramentar D. Bernardo de Zúñiga que, por volta da meia noite, sentindo

aproximar-se a morte, mandou chamar-me para receber a sua confissão. Embora eu tenha vindo com toda a pressa, cheguei já tarde.

— Já tarde? E por quê?

— Quando cheguei, D. Bernardo de Zúñiga já estava morto.

— Já estava morto! — repetiu o cavaleiro.

— Sim, e, além disso, morto sem confessar-se! Que Deus tenha piedade de sua alma!

— A que horas morreu?

— Por volta de uma hora da madrugada — respondeu o frade.

— Estão, sem dúvida, mancomunados — disse consigo o cavaleiro, irritado. — Essa gente combinou pôr-me doido.

E pôs-se de novo no seu cavalo, a galope.

Daí a dez minutos, estava na porta do serralheiro.

— Oh! Oh! — disse o serralheiro. — O que tem vossa excelência? Está tão amarelo!

— Estou com frio — disse D. Bernardo.

— Aqui tem a sua chave.

— Aqui está o teu ouro.

E pôs-lhe na mão outras doze moedas.

— Jesus! — exclamou o serralheiro. — Onde

vossa excelência guarda o dinheiro?

— Por que perguntas?

— Porque o seu ouro está frio como gelo. A propósito...

— O que queres?

— Não se esqueça de persignar-se três vezes antes de servir-se da chave.

— Por quê?

— Porque, quando se forja uma chave de igreja, é sempre o diabo quem move o fole.

— Bom. E tu não te esqueças de rezar pela alma de D. Bernardo de Zúñiga — disse o cavaleiro, tentando rir-se.

— Estou pronto — disse o serralheiro. — Receio, porém, que sejam infrutíferas as minhas orações. Pois dizem que D. Bernardo morreu em pecado mortal.

Embora D. Bernardo houvesse acolhido esses diversos encontros com ar sossegado, e tivesse recebido essas diversas respostas com um sorriso, o que desde pela manhã tinha visto e ouvido não tinha deixado de causar-lhe, sem embargo de toda a sua valentia, grande impressão. Especialmente esse frio mortal que, sempre aumentando, enregelando-lhe até o coração, penetrando-lhe até a medula dos

ossos, por mais que resistisse, deixava-o prostrado. Procurava carregar sobre os estribos, e já não sentia o apoio em que descansava. Com uma das mãos apertava a outra, e já não sentia o cingir da sua mão.

O ar da noite chegou, sibilando em seus ouvidos, e atravessando o seu manto e as suas roupas, como se não tivessem mais consistência do que uma teia de aranha.

Noite fechada, entrou no cemitério, e amarrou o cavalo ao pé de uma árvore. Durante todo o dia não se lembrara de comer, nem tampouco o seu cavalo.

Deitou-se entre as altas ervas para, tanto quanto pudesse, evitar o vento glacial que o aniquilava. Todavia, mal tocou o chão, sentiu-se pior ainda. Essa terra cheia de átomos da morte parecia ser a laje de algum sepulcro.

Pouco a pouco, por maior esforço que fizesse para resistir ao frio, caiu em uma espécie de torpor, do qual veio arrancá-lo o barulho que dois homens faziam cavando uma sepultura.

Dobrou os esforços e ergueu-se sobre o cotovelo.

Os dois coveiros, vendo um homem que parecia sair de uma cova, deram um grito.

— Ora, camaradas! — disse ele aos coveiros.
— Agradeço-lhes por terem-me acordado. Já era tempo.

— Com efeito — disseram os coveiros —, deve o senhor agradecer-nos. Pois quem aqui dorme, não costuma acordar.

— E o que estão fazendo, a esta hora, neste cemitério?

— Bem o está vendo.

— Abrindo uma cova?

— Sim, senhor.

— Para quem?

— Para D. Bernardo de Zúñiga.

— Para D. Bernardo de Zúñiga?

— Sim. Parece que o digno fidalgo, no testamento que fez há quinze dias ou três semanas, pediu que o enterrassem no convento da Imaculada Conceição. De modo que foram nos dizer esta tarde que viéssemos aqui trabalhar. Agora trata-se de recuperar o tempo perdido.

— E a que horas morreu?

— A noite passada, a uma hora da madrugada. Agora que está pronta a cova, pode D. Bernardo vir quando lhe aprouver. Adeus, senhor.

— Espera — disse o cavaleiro. — Todo

trabalho merece pagamento. Toma, tens para ti e teu camarada.

E atirou ao chão sete ou oito moedas de ouro que os coveiros apressadamente apanharam.

— Virgem Santa! — disse um deles. — Espero que o vinho que vamos beber à sua saúde não esteja tão frio como o seu dinheiro. Pois então haveria de que enregelar a alma dentro do corpo.

E saíram do cemitério.

Acabavam de dar onze horas e meia.

D. Bernardo passeou cerca de meia-hora, tendo todas as dificuldades imagináveis em manter-se em pé, tanto que sentia o sangue gelar-se nas veias. Enfim, deu meia-noite. À primeira badalada, D. Bernardo introduziu a chave na fechadura e abriu a porta.

Grande foi o espanto do cavaleiro. A igreja estava iluminada, o coro aberto, os pilares e abobadas forradas de preto. Mil luzes cobriam os altares.

No meio da capela, estava erguido um estrado; em cima dele estava deitada uma freira, vestida de branco, tendo na cabeça um véu branco, seguro na sua fronte por uma coroa de rosas brancas.

Um estranho presentimento apertou o coração do cavaleiro. Aproximou-se ele do estrado, inclinou-se para o cadáver, levantou o véu, e deu um grito.

O cadáver era de Anna de Niebla.

Volta-se ele, e em redor de si procura a quem possa interrogar. Descobre sacristão.

— Que cadáver é este? — pergunta.

— O de Anna de Niebla, responde-lhe o sacristão.

— Quando morreu?

— Domingo de manhã.

D. Bernardo sentiu aumentar ainda mais o frio que lhe regelava o corpo, embora isso lhe parecesse impossível.

Passou a mão pela testa.

— Então ontem à meia-noite estava morta?

— Com certeza.

— Onde estava ela a essa hora?

— Onde se acha agora. Apenas a igreja não estava forrada de preto, as velas da essa eram as únicas acesas, e a grade do coro estava fechada.

— Então, quem ontem a essa hora estivesse visto Anna de Niebla — prosseguiu o cavaleiro —, teria visto um fantasma? Quem lhe houvesse

falado, teria falado com um espectro?

— Preserve Deus um cristão de semelhante infortúnio! É certo, pois, que teria falado com um espectro, que teria visto um fantasma.

D. Bernardo vacilou.

Então tudo lhe ficou claro. Era noivo de um fantasma. Tinha recebido o beijo de um espectro.

E por isso tão glacial fora aquele beijo. Por isso um rio de gelo corria por todo o seu corpo.

Nesse momento, a notícia de sua própria morte, que lhe havia sido dada pelo serralheiro, pelo marceneiro, pelo frade e pelos coveiros, voltou-lhe ao espírito.

A uma hora ele tinha falecido, haviam-lhe dito.

A uma hora tinha recebido o beijo de Anna de Niebla.

Estava morto ou vivo? Já havia separação da alma e do corpo?

Seria sua a alma que errava em torno do convento da Imaculada Conceição, enquanto o seu corpo jazia morto no castelo de Béjar?

Abaixou o véu que havia levantado da face da defunta e precipitou-se para fora da igreja: estava como louco.

Batia uma hora.

Inclinada a cabeça, opresso o coração, corre D. Bernardo ao cemitério. Escorrega na cova que havia sido aberta, cai, levanta-se, desata o seu cavalo, salta na sela, e precipita-se na direção do castelo de Béjar.

Somente ali poderá resolver o terrível problema de saber se está morto ou vivo.

Mas, coisa estranha! Suas sensações estão quase apagadas. O cavalo em que vai montado, mal ele o sente entre as pernas. A única impressão a que é sensível é a desse frio crescente que o invade como um sopro da morte.

Apressa o seu cavalo, o qual também parece ser um cavalo-espectro. Parece-lhe que lhe crescem as crinas, que já seus pés não tocam no chão, que o galopar já não se ouve.

De súbito, à sua direita e à sua esquerda aparecem, sem rumor, dois cães negros. Tampouco como os cavalos eles tocam o chão. Não correm, voam.

Todos os objetos que costeiam a estrada somem-se aos olhos do cavaleiro, como que levados por um furacão. Enfim, ao longe, avista as torres, os muros e as portas do castelo de Béjar.

Ali, todas as suas dúvidas devem ser resolvidas. Por isso, apressa o seu cavalo, a quem os cães acompanham, a quem persegue o sino.

E também o castelo parece acudir ao seu encontro. Aberta está a porta, o cavaleiro transpõe a soleira, entra. Está no pátio.

Ninguém reparou nele. Entretanto, o pátio está cheio de gente.

Fala, ninguém lhe responde. Interroga, ninguém o vê. Apalpa, ninguém o sente.

Nesse momento, um arauto aparece no topo da escada exterior.

— Ouçam! Ouçam! Ouçam! — diz ele. — O corpo de D. Bernardo de Zúñiga vai ser levado, conforme o desejo expresso no seu testamento, para o cemitério do convento da Imaculada Conceição. Venham ter comigo os que têm direito de lançar-lhe água benta.

E entra no castelo.

O cavaleiro quer prosseguir a sua viagem até o fim. Desce da sua cavalgadura. Mas já não sente o chão em que pisa, e cai ajoelhado, procurando agarrar-se aos estribos do seu cavalo.

Neste momento, saltam-lhe à garganta os dois cães e o estrangulam.

Quis dar um grito, mas não conseguiu: mal pôde exalar um suspiro.

Os assistentes viram dois cães que pareciam estar brigando, enquanto um cavalo esvaecia-se como uma nuvem.

Quiseram enxotar os cães. Porém esses não se separaram senão quando concluíram o trabalho invisível em que estavam ocupados.

Então, precipitaram-se fora do pátio e desapareceram.

No lugar em que se haviam demorado dez minutos, acharam-se restos informes e, no meio deles, o rosário de Anna de Niebla.

Nesse momento, apareceu no topo da escada o corpo de D. Bernardo de Zúñiga, carregado pelos moços e escudeiros do castelo.

No dia seguinte, foi ele com grande pompa enterrado no cemitério da Imaculada Conceição, ao lado de sua prima Anna de Niebla.

Deus lhe seja misericordioso.

.

POSFÁCIO: UMA ARQUEOLOGIA LITERÁRIA

Afirmava Alexandre Dumas que seu dileto amigo Charles Nodier (1870 - 1844), como dedicado bibliófilo, descobria obras-primas ignoradas, exumadas dos túmulos das bibliotecas.

Assim como velhas bibliotecas, os jornais avoengos são sepulcros antigos, repletos de tesouros preciosos.

Este livro é o resultado dum exercício que costumamos chamar de *Arqueologia Literária*. E, também, uma homenagem a um tradutor anônimo.

Entre maio e outubro de 1849, Dumas publicou, no periódico *Le Constitutionnel*, uma série de novelas e contos fantásticos, lançada em livros sob os títulos *Les mille et un fantômes* (Os mil e um fantasmas), *La Femme au collier de velours* (A mulher de colar de veludo) e *Les Gentilshommes de la Sierra-Morena* (Os fidalgos de Sierra Morena). Uma homenagem ao querido amigo Nodier, morto poucos anos antes? Cremos que sim. Mas, sem demora, os jornais brasileiros arrojaram-se à publicação das narrativas fantásticas de Dumas em seus folhetins. A novela que leitor há de ler, que integra o originariamente o livro *Les Gentilshommes de la Sierra-Morena*, foi originalmente publicada no

periódico carioca *O Brasil* entre 11 e 17 de outubro de 1849. Mas não integralmente. As partes faltantes foram por nós traduzidas e integradas ao texto, que, além disto, experimentou uma atualização ortográfica. Sofreu, ainda, as adaptações que reputamos necessárias.

Naquela época, não era costume dar créditos aos tradutores. Portanto, ignoramos totalmente quem tenha sido o autor da versão em português da narrativa de Dumas, malgrado os esforços envidados em identificá-lo. Nem mesmo sabemos se brasileiro ou português, já que era frequente, então, a reprodução, em periódicos brasileiros, de versões originariamente publicadas em jornais lusitanos. O certo é que o nosso tradutor desconhecido, ao lançar-se ao seu frenético mister, que lhe exigia rapidez na execução e lhe impunha uma modesta remuneração, não poderia imaginar que o seu aviltado trabalho não estava fadado a cair rapidamente no esquecimento dois ou três dias após a publicação de cada um dos episódios folhetinescos, como de costume. Jamais lhe passaria pela cabeça — disto estamos certos — que 166 anos depois de “consumida”, a sua obra seria republicada, exumada dum túmulo de um jornal secular, olvidado há muitas e muitas gerações.

O editor de *O Brasil* advertiu o leitor brasileiro de meados do século XIX que não lhe *dava* integralmente a obra de Dumas, pois nele haveria trechos “*que não seriam toleráveis no estado de moralidade de nossa terra*”. Apesar da censura — quiçá bem mais política que moral, mas por nós oportunamente contornada —, que impôs limites ao tradutor, ou lhe amputou o que já havia escrito, o nosso herói anônimo verteu ao português uma preciosa joia de Dumas, uma fantasmagórica e inolvidável história de terror.

Salvador, 11 de outubro de 2015
Paulo Soriano